

CEDI**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte:

O Estado de São Paulo

Class.:

Data:

11.02.78

Pg.:

**Sequestro de índio provoca
tensão no interior do PR****Da sucursal de
CURITIBA**

Jerônimo da Silva, o guarani sequestrado por posseiros no posto do rio Das Cobras — em Laranjeiras do Sul, a 400 quilômetros de Curitiba — está correndo risco de vida. Sequestrado na quinta-feira passada por três pessoas, ele só reapareceu na segunda-feira de carnaval. Nesse período, os índios prenderam um posseiro e ameaçaram matá-lo se Jerônimo não fosse solto.

As informações só chegaram ontem em Curitiba, e foram abafadas pela delegacia da Funai, que acompanhou o caso desde o início e providenciou o exame de corpo de delito do índio na segunda-feira. Segundo os moradores da região, Jerônimo foi espancado por mais de doze horas seguidas e teve de caminhar, por três dias sem alimentação, os 140 quilômetros entre Laranjeiras do Sul e Cascável.

Ainda ontem à tarde, a delegacia da Funai em Curitiba negava a gravidade da saúde do índio, informando apenas que "ele está-se recuperando e passa bem". O padre Francisco Sassi, entretanto, classificou o sequestro de "mais uma provocação perigosa", acrescentando que os 1.400 guaranis e kaigans do posto estão fortemente armados com facões, foices, espingardas

e flechas envenenadas, para qualquer eventualidade.

Foi na reserva do rio Das Cobras, há 20 dias, depois de vários atritos com posseiros, que os índios iniciaram um processo de expulsão das famílias que ocupam mais de 60 por cento de suas terras. Até o início da semana, eles já haviam conseguido afastar 150 famílias, restando ainda cerca de 500 outras; segundo o padre da diocese da região, Francisco Sassi, à medida em que os posseiros iam sendo expulsos, suas casas foram imediatamente ocupadas por famílias indígenas. Muitas delas haviam-se transferido para outras reservas do Paraná — por falta de terras para cultivo, no rio Das Cobras — e voltaram há pouco tempo para ajudar no trabalho iniciado pelas duas tribos do posto de Curitiba.

Enquanto a Funai está procurando meios legais para promover a desocupação da reserva, a tensão vem aumentando gradativamente no posto indígena. Além do sequestro de Jerônimo da Silva, na semana passada, o próprio padre Francisco Sassi continua recebendo ameaças de morte, feitas pelos posseiros inconformados, que o acusam de proteger os indígenas. O caso atinge tal gravidade, que o padre está inclusive impedido de visitar uma área da reserva pertencente à sua paróquia e ocupada por colonos brancos.

Invasão é denunciada**Do correspondente de
CUIABÁ**

O ex-secretário-geral do Conselho Indigenista Missionário, padre Antonio Iasi Júnior, reafirmou ontem, em Cuiabá, denúncia feita há alguns dias pelo bispo de Diamantino, Dom Henrique Froelich, de que o Grupo Itamarati, de São Paulo, invadirá há algum tempo uma grande área da reserva indígena dos n'hanbikwaras. O delegado na Funai, entretanto, informou que o grupo já se dispôs a abandonar a área.

O padre Iasi Júnior denunciou ainda a Prefeitura de Aripuanan, que vem fazendo constantes ameaças de invadir a reserva dos índios rikitbatsa — canoeiros de Mato Grosso — com uma estrada que ligaria Fontanillas, futura sede do município, com Porto dos Gaúchos e o resto do Estado. Sebastião Otoni, prefeito de Aripuanan, já pediu pessoalmente ao ministro Rangel

Reis, do Interior, autorização para a construção daquela estrada, o que lhe foi negado. José Paraná, prefeito de Porto dos Gaúchos, foi apontado pelo missionário como invasor da reserva dos índios caiabis. Paraná pensa em construir uma hidrelétrica dentro daquela reserva.

Após percorrer durante 45 dias, diversas tribos do norte matogrossense, padre Iasi disse que o Grupo Junqueira-Vilela, de Cuiabá, estaria tramando a invasão da reserva dos rikitbatsa.

Após estranhar que a empresa Plantel, de Goiânia, "não seja uma firma especializada em topografia, mas, sim, em planejamento rural, padre Iasi comentou o fato de ela vir ganhando, sistematicamente, todas as concorrências para demarcação de terras das reservas indígenas". Ele levantou a suspeita de que a empresa poderia, inclusive, estar negociando com pretensos proprietários de áreas incluídas nas reservas.